

Título: Gramsci e o ensino da filosofia

TURCATTO, Sérgio Miguel

Universidade Federal Fluminense, RJ

NUFIPE/FEUFF

Doutorando em Educação

Palavras preliminares sobre o estudo da filosofia

O presente texto é motivado, primeiramente, pelas instigações de Antonio Gramsci, por tratar com muita propriedade a questão da filosofia nos cadernos do cárcere. Ele retoma e aprofunda nessas obras abertas, questões tratadas por Hegel, Marx e Engels, principalmente no estudo das concepções de mundo e da vida. O segundo motivo é a pretensão de solidificar e garantir, por meio da Lei de Diretrizes e Base, a todo o estudante brasileiro o acesso às filosofias e a clara exatidão do que se deve entender por sistema filosófico.

Neste texto não abordarei esta última motivação, mas buscarei aprofundar a seguinte questão: será que a escola e o ensino de filosofia se prepuseram a conduzir o estudante a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente nos escritos de Gramsci?

De forma mais ampla, inicialmente investigarei o tipo de escola que Gramsci freqüentara no ginásio e colegial, não esquecendo da precarização de sua família. A situação econômica, política e social da Sardenha, bem como o seu regionalismo e a revolta contra os ricos.

A mudança da Sardenha para Turim possibilitou que se encontra-se na militância política ao assumir por toda a sua vida, o enorme fervor na luta da classe operária e camponesa. O filósofo democrático que enfrentou a fúria do fascismo e a ortodoxia do Partido Comunista Russo e Italiano e não esmoreceu.

Ao estudar os intelectuais e o Estado, expressa com clareza as ideologias e concepções de mundo que produziram a cisão entre teoria e prática, trabalho e capital. Não podemos esquecer que a escola moderna foi projetada a partir do chão da fábrica. Conhecer suas concepções e suas contradições garante a possibilidade de perceber outras realidades. Após um exame filosófico exaustivo, aponta elementos filosóficos

imprescindíveis para o ensino da filosofia, gerador de um novo senso comum, de uma nova filosofia.

I. Da escola que aprisiona para uma escola de confinados:

Ao investigar a realidade sociopolítica concreta como uma unidade contraditória, Gramsci esteve profundamente envolvido nas lutas políticas das classe trabalhadora. Sua coerência e compromisso intelectual foi lentamente forjado na luta diária a partir da realidade vivida desde a infância até a sua morte.

Gramsci nasceu na ilha da Sardenha em 1891. Viveu durante 20 anos nessa ilha, pobre, atrasada, sofrida, arcaica, profundamente explorada pelas elites locais, sendo imposto ao sardenhos um profundo preconceito. Por isso, a grande insistência do pensador italiano sobre assuntos como a política, a filosofia e a cultura relativos ao seu berço. Ao relatar a história de vida por meio de carta à Júlia, quando esteve em Viena, 1924, Gramsci não deixou de fazer um recorte de classe.

“Eu fui acostumado pela vida solitária, que vivi desde a infância, a esconder as minhas emoções atrás de uma máscara de dureza ou atrás de um sorriso irônico (...). Isso me faz mal: por muito tempo das minhas relações com os outros forma alguma coisa de enormemente complicado, uma multiplicação ou uma divisão por sete de todo sentimento real, para evitar que os outros entendessem o que eu realmente sentia. O que foi que me impedido de tornar-me um absoluto trapo engomado? O instinto da revolta, que quando crianças era contra os ricos porque eu não poderia estudar, eu que havia tirado 10 em todas as disciplinas nas escolas elementares, enquanto iam estudar o filho do açougueiro, do farmacêutico, do comerciante de tecidos. Essa revolta se dilatou para todos os ricos que oprimiam os camponeses da Sardenha, e eu pensava que precisava lutar pela independência da região: ao mar os continentais! Quantas vezes repeti essas palavras. Depois conheci a classe operária de uma cidade industrial e compreendi o que realmente significavam as coisas de Marx que havia lido antes por curiosidade intelectual. Me apaixonei assim pela vida, pela luta, pela classe operária” (in NOSELLA, 1992, p. 8-9).

É inegável a enorme influência sofrida por Gramsci ao longo dos seus longos anos passados na Sardenha. Os seus escritos estão perpassados por essas preocupações, pois o espaço de produção de vida no campo se apresentou profundamente contraditório de tal forma, que sua vida será marcada por determinados traços daquele tipo de vida.

Por não deixar-se tornar um trapo engomado, desde cedo o destemido Antonio, aprendeu a lidar com as adversidades familiares, pela precarização e o tempo de dois anos fora dos bancos escolares na Sardenha.

Devido às dificuldades de sobrevivência na Sardenha, Gennaro, o irmão mais velho de Antonio, conseguiu empregar-se em Turim. Por meio de jornais socialista, ainda no colegial, Gramsci passa a freqüentar os ambientes socialistas, amplia e aprofunda o seu regionalismo e passa a entender as relações entre ricos e pobres.

Em 1910, ainda na Sardenha, publica seu primeiro artigo no jornal local “A União Sarda”. Muito estudioso e curioso, inicia os primeiros diálogos com a obra de Karl Marx. Durante as férias dava aulas particulares, pois gostava de matemática e ciências e trabalhava como contador.

No ano seguinte, mudou-se para Turim, por conseguira uma bolsa de estudos na Universidade Estadual daquela cidade, ingressando na Faculdade de Letras.

Segundo Nosella,

“Se os vinte anos de vida na Sardenha carregavam o jovem Gramsci de revolta e regionalismo, a superação dessa fase coincidiu com a sua chegada a Turim, onde descobriu a classe operária de uma grande cidade industrial cuja função revolucionária foi por Gramsci logo percebida’ (NOSELLA, 1992, p. 10).

Paolo Nosella ressalta no seu texto, que Antonio Gramsci teria superado o regionalismo e a revolta contra os ricos. Esta concepção estaria carregada de coerência se o pensador italiano assumisse o ser do “*trapo engomado*” (NOSELLA, 1992, p. 9). Todavia, no próprio texto, quando relata a carta que Gramsci escrevera à Júlia em 1924, expressava, num primeiro momento, a revolta contra filhos dos ricos e dos próprios ricos do seu vilarejo que podiam estudar e, num segundo momento, “*essa revolta se dilatou par todos os ricos que oprimiam os camponeses da Sardenha*” (NOSELLA, 1992, p. 9).

Sobre esses momentos de ruptura na vida de Antonio Gramsci, Paulo Freire nos ajuda a compreender com propriedade que o processo de vida é também um processo pedagógico.

Na medida em que a consciência é forjada na situação concreta de opressão, “*é a dualidade existencial dos oprimidos que, “hospedando” o opressor, cuja “sombra” eles “introjetam”, são ele ao mesmo tempo são o outro*” (FREIRE, 2010, p. 54). No momento em que os oprimidos aceitam sua tragédia de forma consciente, superam o

primeiro ato de rebelião, “*que é quase sempre tão ou quase violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim pode inaugurar o amor*” (FREIRE, 2010, p. 48). Os homens proibidos de ser pela violência dos opressores, terá como resposta contra toda a violência, o profundo encontro pelo anseio de busca do direito de ser. A libertação do opressor está interpenetrada pelo movimento pedagógico de libertação dos oprimidos. Segundo Hegel, na relação entre senhor e escravo, o opressor que oprime, nem libertam e nem. Somente os oprimidos poderão superar as contradições presentes na unidade do real, ao fazer-se Homem.

O pensador italiano, enquanto intelectual orgânico da classe trabalhadora, em muito se esforçou para elevar a cultura dos “simples” através do acesso ao conhecimento, pela primazia da vida enquanto processo formativo, na experiência da luta, na produção e reprodução. No entanto, ele ressalta a estrutura escolar era algo importante e complementar, pois acelera as potencialidades humano, não as cria. “*Tayloriza o saber geral, no sentido de que organiza as partes, subdivide os pontos, interliga os atos pedagógicos de forma que a seqüência produza um todo orgânico e superior*” (NOSELLA, 1998, p. 62).

Segundo Nosella (1998), Gramsci desenvolve uma reflexão em torno da escola, ao relacionar a experiência de vida com a experiência escolar e a interligação desses dois elementos ocorrem de forma diferente para a classe operária e para a classe burguesa.

No caso da primeira, a escola vem depois, completando e esclarecendo a experiência de luta produtiva e política; no caso da segunda, a escola vem antes da prática dominante, porque prepara o jovem burguês com todos os detalhes necessários para o exercício da responsabilidade administrativo-política dominante (NOSELLA, 1989, p. 63).

É no chão da fábrica que o trabalhador é especializado e a escola é projetada pelas classes abastadas. Na civilização moderna todas as atividades práticas se complexificaram e, as ciências inundaram de tal forma o modo de vida a partir da crises internas do modo de produção. Isto gerou crise para o sistema escolar, na medida em que cada atividade prática objetivou criar o seu tipo de escola para os próprios especialistas e dirigentes, bem como, grupo de intelectuais especializados para ensinarem nessas escolas.

Sobre a produção da crise escolar pelo sistema hegemônico, Gramsci afirma:

“... que a crise escolar que hoje se difunde liga-se precisamente ao facto de que este processo de diferenciação e particularização ocorre de modo caótico, sem princípios claros e precisos, sem um plano bem estudado e conscientemente estabelecido: a crise do programa e da organização escolar, isto é, da orientação geral de política de formação dos modernos quadros intelectuais, é em grande parte um aspecto e uma complexificação da crise orgânica mais ampla e geral. A divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, enquanto a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais” (GRAMSCI, 2006, v. 1, p. 33).

Como forma de ampliar e aprofundar a crise da escola na modernidade para o proletariado, Gramsci vivenciará momentos significativos que objetivavam apresentar possíveis alternativas relativas à elevação do conhecimento por parte das massas populares. O primeiro encontro com o processo de ensino-aprendizagem ocorrerá ainda no período do colegial, dada a sua brilhante inteligência, ao ministrar aulas de ciências e matemática. Na Escola de Partido e paralelamente, a ascensão do fascismo (1921 – 1926), fundou a escola por correspondência, também chamada de Escola de Ordine Nuovo. Esse tipo de escola objetivava formar quadros, segundo Nosella,

O trabalho formativo necessariamente deverá restringir-se aos elementos confiáveis, aos inscritos ao partido; o curso por correspondência não é a melhor fórmula pedagógica, mas é a fórmula possível para manter contanto com os filiados; a direção metodológica do curso não deve ser maximalista e retórica e sim pautada na formação profunda, não doutrinária, que parta do intercambio de experiências entre companheiros (NOSELLA, 1989, p. 55).

O cuidado que Gramsci nutre pelos seus companheiros é expressivo em seus escritos. Durante a crise provocada pelo capital, as indústrias de Turim dispensaram milhares de operários entre 1921 e 1922, não recrimina seus companheiros pelas derrotas nas greves. O seu tom de construtor se revela: “*menos barulho e mãos à obra; é preciso recomeçar tudo de novo. O operário que voltou a trabalhar porque não agüentou a fome, não deixou de ser revolucionário*” (in, NOSELLA, 1989, p. 52).

À medida que o Facismo se instalava nas estruturas da sociedade política e da sociedade civil italiana, todos os opositores sofreram sanções, ou foram exilados, presos ou desapareceram. Gramsci já era conhecidíssimo no cenário da política italiana durante a década de 1920. O regime o lançou na prisão da Ilha de Ústica, em 7 de dezembro de 1927. Quinze dias após a sua chegada à ilha, juntamente com seus companheiros políticos, organizaria a Escola para Prisioneiros. A escola é composta de três degraus:

de alfabetização, elementar, média e até a faculdade. No entanto, algumas semanas mais tarde, Gramsci é levado às prisões de San Vittore em Milão. A Escola para Detentos permaneceu funcionando, tanto que seu companheiro Berti, professor de filosofia naquela escola, consulta Gramsci sobre os manuais, o método de ensino a ser utilizado e alguma idéia genial.

A resposta de Gramsci sobre a questão pedagógica por parte do corpo docente, *“seria o de registrar, desenvolver e coordenar as experiências e as observações pedagógicas e didáticas; somente desse constante trabalho pode nascer o tipo de escola e de professor que o ambiente requer”* (in NOSELLA, 1989, p. 71). Desta experiência poderiam produzir um livro como resultado dessas experiências. Sobre as idéias geniais, afirma que esse tipo de salvaguardismo deveria ser jogado fora. Propõe que a escola funcione não da forma comumente, mas como um círculo e, o método das experiências mais particulares e da autocrítica fria e objetiva.

Essas experiências serão importantíssimas para que Gramsci construa um projeto de escola para o partido, como o intelectual orgânico, expresso no Caderno 12, chamada de Escola Omnilateral.

A partir destes breves apontamentos sobre a vida de Gramsci e a sua relação com o conhecimento, que caminhos ele apontou para o estudo da filosofia? Quais elementos devem compor um curso de filosofia?

A partir desses apontamentos de Antonio Gramsci e Paolo Nosella, faremos o nosso recorte com base na seguinte premissa: todos os estudantes são filósofos? As relações com as concepções de mundo com o senso filosófico, que trataremos posteriormente, e a integração desses dois elementos ocorrem de forma diferenciada entre as massas populares e as classes opressoras. Esta novidade gramsciana está delineada no segundo o Caderno 11, parágrafo 12, Apontamentos para uma introdução e um encaminhamento ao estudo da filosofia e da história da cultura.

2. Idéias brilhantes: senso comum o bom senso filosófico.

Para aprofundar a questão do estudo da filosofia, tomemos o seguinte fato. O professor de filosofia na Escola de Confinados da Ilha de Ústica, chamado Berti, escreve a Gramsci sobre a forma de ensinar filosofia, metodologia apropriada e possível manuais.

“Caro Antonio, (...) se lhe é permitido se ocupar de filosofia, lhe mandarei com prazer asseis apostilas que, obviamente, consistem em simples anotações tomadas sem pretensão. Você, depois, as mandará de volta. Como primeiro argumento nos servimos dos escritos de filosofia do Prof. Antonio Labriola e de alguns elementos derivados da famosa polémica contra as teorias do Prof. Dühring (...). Além disso, demos aos estudos da dialética o lugar merecido no curso (...). Fontes do curso: os livros de história de Fiorentino, de De Reggiero, de Windelband, de Weber, e de alguma coleção dos fragmentos originais (...). A esta altura você já entendeu que lhe escrevo para obter em geral e em particular seus conselhos. Nos indique livros, materiais e dê-nos alguma idéia genial, porque aqui há escassez disso. Os alunos são cerca de setenta (...). Com afeto, seu Berti” (in NOSELLA, 1989, p. 71).

O texto expressa nas entre linhas as valiosas contribuições de Gramsci em relação ao ensino de filosofia na Escola para Confinados na Ilha de Ústica, bem como, o reconhecimento dos profundos méritos enquanto intelectual orgânico, visto a humildade do Prof. Berti.

Na medida em que o Prof. Berti expressa na carta suas questões desafiadoras para com o ensino da filosofia, aponta o tipo de cultura mais voltado para o tipo abstrato e enciclopédico. No entanto, Gramsci acentua a idéia da cultura geral, do tipo histórico e metodologicamente orientado.

Assim o pensador italiano expressou sua concepção de cultura:

Estabelecido o princípio de que todos os homens são “filósofos”, isto é, que entre os filósofos profissionais ou “técnicos” e os demais homens não existe diferença “qualitativa”, mas apenas “quantitativa” (e, neste caso, “quantidade” tem um significado bastante particular, que não pode ser confundido com some aritmética, por que indica maior ou menor “homogeneidade”, “coerência”, “logicidade”, etc., isto é, quantidade de elementos qualitativos), deve-se ver, todavia, e, que consiste propriamente esta diferença. Assim, não será exato chamar de “filosofia” qualquer tendência de pensamento, qualquer orientação geral, etc., e nem mesmo qualquer “concepção de mundo e da vida” (GRAMSCI, 2006, v. 1, p. 410).

O princípio de cultura geral está expresso no aforismo de todos os homens são filósofos, todavia, a palavra filosofia está entre aspas, por um lado, indica sua profundamente imbricação na história dos homens, do constituir-se filósofo e por outro, a necessidade de superar o que senso comum e o bom senso entendem por filosofia enquanto concepção de mundo e da vida.

O texto de Guido Liguori (2007) apresenta a importância do senso comum. Gramsci assim escreve: *“Quando Marx menciona a ‘validade das crenças populares’, faz uma referência histórico-cultural para indicar a ‘solidez das convicções’ e sua eficácia para regular a conduta dos homens, mas implicitamente afirma a necessidade de ‘novas crenças populares’* (LIGUORI, 2007, p. 114). A necessidade de um novo senso comum, de uma nova cultura geral, ou seja, de uma nova filosofia. Se por um lado, a filosofia é uma concepção de mundo que expressa potencialmente sua hegemonia, por outro lado, o senso comum sempre tende a ser superado, não poderá se tornar nem hegemônico e nem filosofia, por ser “desagregada”.

Gramsci é rigoroso na sua produção textual, quando afirma que não se deva falar em filosofia, mas sempre de “filosofias” no plural, isto é, pois as várias concepções de mundo estão sempre em luta entre si. Segundo o debatedor,

As diversas formas de filosofia e de senso comum se dividem segundo um eixo vertical, de um modo que poderíamos definir como “político” (direita-esquerda), e segundo um eixo horizontal, de acordo com suas características de coerência, consciência, originalidade. Deste modo, haverá filosofias e tipos de senso comum (em suma, haverá ideologias) mais ou menos elaboradas e mais ou menos progressistas (LIGUORI, 2007, p. 115).

No Caderno 11, parágrafo 12, Gramsci expressa as articulações que manifestam as concepções do mundo do homem comum: o mundo da linguagem, do senso comum e bom senso, e o mundo da religião popular. Distingue a linguagem de senso comum, pois se no senso comum há várias concepções de mundo, o mesmo ocorre com a linguagem, ou com as linguagem, como níveis em que as ideologias se manifestam.

O pensador italiano prossegue sua reflexão quando coloca em evidência a relação entre religião, senso comum e filosofia. Não há coincidência entre religião e senso comum, visto que a religião é parte do senso comum desagregado, bem como, o senso comum é o resultado de um devir histórico. Assim, a filosofia tem a capacidade de criticar a religião, o senso comum e a linguagem, sendo a expressão da sua própria superação. Nesta distinção específica feita por Gramsci, filosofia e “bom senso” coincidem. No entanto, há outros textos em que filosofia e senso comum coincidem, pois o senso comum é tomado de forma positiva, ou como um novo senso comum, uma nova filosofia.

Essa nova filosofia, tem inicialmente uma atitude polêmica e crítica, pois supera a maneira de pensar precedente e do pensar concreto existente, isto é, do mundo cultural

existente, como crítica do “senso comum”, enquanto pensamento difuso e disperso, isto é, genérico. Em seguida, essa nova filosofia elabora uma crítica da filosofia dos intelectuais, pela relação com a história e a elaboração individual do pensamento, ao culminar no progresso do senso comum a extratos mais cultos da sociedade, isto é, o senso comum popular.

A relação entre “senso comum” e “bom senso”, aparece de forma junta nos primeiros cadernos escritos por Gramsci. Todavia, a idéia do “bom senso” é parte de uma expressiva produção e tradição filosófica, menos ampla do que “senso comum”. No caderno 7, essas duas expressões aparecem de forma distinta, da seguinte maneira: “*em face da lógica do professor de filosofia – o “senso comum dos estudantes” e o “bom senso dos professores de outras matérias”*” (LUGUORI, 2007, p. 119). No “senso comum” dos estudantes não paira nenhuma filosofia, somente no “bom senso”, a filosofia é entendida no seu sentido restrito. Neste sentido, qual é o papel do filósofo no estudo da filosofia?

3. O papel do filósofo no ensino da filosofia

Na medida em que não há exatidão em chamar qualquer “concepção geral de mundo e da vida” de filosofia, nem o “senso comum” dos estudantes, o “bom senso” dos professores pode oferecer um sentido muito estreito de filosofia. Prosseguindo nessa vertente, o filósofo poderia ser chamado de “operário qualificado”, segundo a visão do Prof. Berti, que se contrapõe aos manuais. Essa adequação não seria exata, pois na indústria moderna, além dos trabalhadores braçais e os qualificados, a fábrica necessita do engenheiro, possuidor tanto do conhecimento prático como teórico e também histórico. Fica evidente nesta análise que o pensador italiano tem como pano de fundo, o processo taylorista de produção. O professor de filosofia, ou segundo Gramsci, “*o filósofo profissional ou o técnico não só “pensa” com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema, do que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento*” (GRAMSCI, 2006, v.1, p. 410). Pois o filósofo profissional explica com propriedade o desenvolvimento que o pensamento experimentou e até consegue estabelecer relações entre o ponto de partida dos problemas filosóficos e perceber os seus desdobramentos e possíveis soluções. O professor é um especialista, pois no campo do pensamento ele desempenha a mesma função dos outros campos científicos. Se há diferença entre o filósofo profissional e o

filósofo especialista, qual seria a distinção entre o filósofo especialista e os demais especialistas?

Gramsci chama atenção para a profunda diferença entre o filósofo especialista e os demais especialistas,

“de que o filósofo especialista se aproxima mais dos outros homens do que os demais especialistas. Foi precisamente o ter feito do filósofo especialista uma figura similar, na ciência, aos demais especialistas aquilo que determinou a caricatura do filósofo” (GRAMSCI, 2006, v.1, p. 410).

Se para os demais tipos de profissionais especialistas é impossível que todos os homens saibam tudo sobre tal especificidade de saber, já para a filosofia “*é impossível pensar em um homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque o pensar é próprio do homem como tal (a menos que seja patologicamente idiota)*” (GRAMSCI, 2006, v.1, p. 411). Neste sentido, a tarefa do filósofo especialista é de fundamental importância, por utilizar uma cultura histórica e metodologicamente orientada. Assim, é preferível que o estudante pense sem ter consciência crítica do seu processo de formação, de maneira desagregada e ocasional ou é preferível que elabore a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica?

4. A filologia no ensino de filosofia

Em sua carta a Gramsci, o Prof. Berti aponta para um método pedagógico doutrinário-abstrato. A resposta do pensador italiano afirma a necessidade de um método que parta das experiências concretas de todos os envolvidos no processo de formação escolar. No estudo da filosofia, não existe filosofia em geral. Existem várias concepções de mundo ou diversas filosofias e não há como proceder certas escolhas. O que motiva tais escolhas? O fato da escolha é orientado pela postura intelectual ou é um fato mais complexo?

A filologia possibilita

“... explicar como ocorre que em cada época coexistam muitos sistemas e correntes de filosofia, como nascem, como se difundem, por que nessa difusão seguem certas linhas de separação e certas direções, etc. Isto mostra o quanto é necessário sistematizar criticamente e coerentemente as próprias intuições do mundo e da vida, ficando com exatidão o que se deve entender pro “sistema”, a fim de evitar compreendê-lo num sentido pedante e professoral” (GRAMSCI, 2006, v.1, p. 97).

Há uma profunda orientação de como proceder para compreender a filosofia nas suas particularidades, mas não faltou a crítica à forma de proceder dos professores, cujo o intuito é de expressar a filosofia como um sistema. Gramsci quebra com essa idéia de sistema. E continua:

“Mas esta elaboração deve ser feita, e somente pode ser feita, no quadro da história da filosofia, que mostra qual foi a elaboração que o pensamento sofreu no curso dos séculos e qual foi o esforço coletivo necessário para que existisse o nosso atual modo de pensar, que resume e compreende toda a história passada, mesmo em seus erros e em seus delírios, os quais, de resto, não obstante terem sido cometidos no passado e terem sido corrigidos, podem ainda se reproduzir no presente e exigir novamente a sua correção” (GRAMSCI, 2006, v.1, p.97 e 98).

Ao reconstruir no quadro da história as diversas filosofias, Gramsci expressa não apenas orientações didático-pedagógicas, mas a concepção mais geral que deve nortear o educar-se do ser humano, de maneira científica e cultural até os níveis mais complexos, específicos e modernos, não perdendo a sua relação como o senso comum, isto é, uma nova cultura, ou seja, uma nova filosofia.

Assim, para que o curso de filosofia tenha êxito, Gramsci sugere ao Prof. Berti que o ensino de filosofia tenha exposição histórica de forma resumida, bem como, um sistema filosófico concreto, hegeliano, com o intento de criticar e esmiuçar em todos os seus aspectos. Para ele, não cabe ao professor fazer o corte epistemológico, mas deve garantir que o estudante tenha acesso a todas as filosofias e, com profunda clareza, o aprendiz faça sua própria opção.

5. Breves apontamentos finais

Percebi que adentrar no tema proposto e principalmente no Caderno 11 parágrafo 12, que trata de apontamentos para uma introdução e um encaminhamento ao estudo da filosofia e da história da cultura, é profundamente desafiador e instigante. É desafiador, pois o próprio Gramsci expressa que é impossível pensar em um homem que não tenha cristalizado no seu senso comum determinadas concepções de mundo, justamente por ter a capacidade de pensar.

Esse desafio de expandir a capacidade humana de pensar, portanto, produzir filosofias, esteve presente desde a adolescência de Antonio Gramsci, quando se revolta

pela impossibilidade de estudar. Para ele, a práxis filosófica era fundamental para criticar a própria concepção de mundo, tornando-a unitária e coerente para elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído. O início de todo esse processo crítico está na consciência daquilo que é realmente, um conhecer-se a si mesmo, segundo a concepção da Prima Filosofia.

Assim, para que o ensino de filosofia tenha significado para o aprendiz, o professor não deve ser um especialista qualquer, mas um especialista que trate de questões especificamente humanas. Para isso é necessário perceber a importância da filologia em Gramsci, sistematizar crítica e coerentemente as próprias concepções de mundo e da vida, definindo com clareza o que deve ser entendido por sistema.

Há um relato interessantíssimo feito por Gramsci sobre o ensino, neste caso, das ciências exatas. Era o ano de 1928, quando seu filho Décio completara 4 anos e estava preocupado em dar-se um presente. O cuidado pelos detalhes e a seriedade do seu ofício, compra um brinquedo chamado de Mecano. Era uma caixa repleta de pequenas peças metálicas, perfuradas com vários parafusos e instrumentos mecânicos com a finalidade de construir guindastes, torres e várias estruturas de metal. Escolheu o tamanho da caixa adequada à idade da criança, bem como, ampliasse valores educativos referentes ao momento histórico determinado. Não sabe das tendências do filho, pois estava na prisão. Lembra então, das suas tendências para as ciências exatas e a matemática. Ele afirma que as perdeu no ginásio e culpa os professores, pois não valiam mais que um figo seco. Será que os professores foram os únicos culpados pela sua perda?

Bibliografia:

ALVES, Dalton José. *A filosofia no ensino médio: ambigüidades e contradições na LDB*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

BRASIL, CEF (1998b) *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos PCN – 3º e 4º ciclos*. Brasília, MEC/Semtec.

_____. (1999b). *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio: Parte IV Ciências humanas e suas Tecnologias*. Brasília, MEC/Semtec.

CALDAT, Roseli Salete. *Pedagogia do MST*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. SP: Paz e Terra, 1992.

- _____. *Pedagogia do oprimido*. SP: Paz e Terra, 1970.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. SP: Cortez, 1984.
- _____. e CIAVATTA, Maria (orgs.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1981. 4ª edição.
- _____. *Cadernos do cárcere*. Volume 1,2,3,4,5 e 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. (21ª ed.) RJ: Civilização Brasileira, 2003. Livro I, v. 1,2.
- _____. *Capítulo inédito D' o Capital*. Porto: Publicações escorpião, 1975.
- _____. *Manuscritos de 1844: economia política y filosofía*. Buenos Aires: Ediciones Estúdio, 1972.
- _____. E ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. SP: Martins Fontes, 2002.
- NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a Sociedade Civil: cultura e educação para a democracia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- _____. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Aparecida, SP: Idéias & Letras,

